

A CONTRACULTURA E OS MOVIMENTOS JUVENIS NA HISTÓRIA DA OPOSIÇÃO AO PERÍODO MILITAR BRASILEIRO

COUNTERCULTURE AND YOUTH MOVEMENTS IN THE HISTORY OF OPPOSITION TO THE BRAZILIAN MILITARY PERIOD

Andreska Valéria de Alcantara
Carolina Diniz Rodrigues Pereira¹

Resumo

O presente artigo analisa como a contracultura e os movimentos juvenis no Brasil contribuíram para a oposição à Ditadura Militar (1964-1985). Inspirado pelo movimento de contracultura dos anos 1960 nos Estados Unidos, o estudo explora manifestações artísticas brasileiras como a Tropicália, MPB, Cinema Novo e movimentos estudantis, que se tornaram ferramentas de resistência ao regime repressivo. Utilizando referenciais teóricos de Theodore Roszak e Maria Helena Moreira Alves, a pesquisa investiga eventos marcantes, como a Passeata dos Cem Mil, e analisa movimentos culturais como a música e o cinema como forma de lutar contra a repressão da ditadura.

Palavras-chave: Contracultura; Movimentos Juvenis de Resistência; Ditadura Militar.

Abstract

This article analyzes how counterculture and youth movements in Brazil contributed to the opposition to the Military Dictatorship (1964-1985). Inspired by the counterculture movement of the 1960s in the United States, the study explores artistic manifestations such as Tropicália, MPB, Cinema Novo and student movements, which became tools of resistance to the repressive regime. Using theoretical frameworks from Theodore Roszak and Maria Helena Moreira Alves, the research investigates notable events, such as the Passeata dos Cem Mil, and analyzes cultural, musical and cinema movements as a way of fighting against the repression of the dictatorship.

Key-words: Counterculture; Resistance Movements; Military Dictatorship.

¹ Graduandas no curso de Licenciatura em História na Universidade Federal de Minas Gerais; cadrp07@gmail.com; andreskaandreska@gmail.com

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para além de uma compreensão simplista das formas de resistência que ocorrem contra a ditadura militar brasileira (1964-1985) este artigo busca compreender de que forma o movimento da *Contracultura* toma suas particularidades aqui no Brasil e através das diversas artes, como a música e o cinema, vão desenvolver formas de resistência contra o regime militar. Da mesma forma busca-se compreender como os movimentos juvenis, público central do movimento da contracultura, vão desenvolver suas formas de resistência por meio dos movimentos estudantis.

Os objetivos gerais da pesquisa incluem contextualizar a contracultura, suas origens nos EUA e suas especificidades no Brasil, incluindo-a no contexto da repressão ditatorial. Também serão analisados os movimentos estudantis na luta contra a ditadura militar. Além disso, será feita uma análise da própria ditadura militar brasileira como suas bases ideológicas, Atos Institucionais, a repressão e as formas de resistência. Ademais, debater a historiografia do tema da ditadura militar, contribuindo para a discussão desse recorte da história brasileira.

Nos objetivos específicos, propõe-se inicialmente estudar a origem e os elementos principais do movimento de contracultura nos Estados Unidos. Também será analisada a contracultura no Brasil, que se inspira no movimento norte-americano mas que toma referências locais e se adapta ao próprio contexto do regime militar brasileiro. Os movimentos estudantis, encabeçados por jovens e muito presente na luta contra a ditadura também serão discutidos. Portanto, episódios emblemáticos como a Passeata dos Cem Mil, o manifesto Tropicália e as produções do Cinema Novo, especialmente sob a ótica das obras de Glauber Rocha. As letras de músicas que exemplificam os ideais de contracultura e que dialogam com temas de oposição, luta, sociedade e cultura serão igualmente objeto de estudo. A pesquisa se concentrará na análise da contracultura durante o regime militar brasileiro, abordando sua relação com os movimentos juvenis e suas manifestações culturais, como a música e o comportamento, enquanto formas de resistência ao autoritarismo. Além disso, discutirá a historiografia do tema, buscando questionar interpretações existentes e enfatizando sua importância para a compreensão histórica do período.

Sobre a metodologia aplicada neste trabalho, por meio da bibliografia especializada, será analisado o movimento da Contracultura, suas características essenciais e quais são suas particularidades no Brasil, que serão manifestadas pelo movimento Tropicália, o Cinema Novo e na própria maneira da juventude e dos movimentos juvenis de se portarem e resistirem à ditadura militar. Após isso, será feita uma análise de como tais movimentos de resistência encabeçados por essa juventude e pelo próprio movimento da contracultura podem ser ~~sim~~ considerados movimentos que vão lutar contra a ditadura dentro da sua ideologia e compreensão.

Esse artigo é organizado em três tópicos principais: 2. Contracultura à brasileira: o movimento da contracultura e suas particularidades; 3. Os movimentos Juvenis e suas formas de resistência à ditadura militar; 4. Ditadura militar no Brasil: bases ideológicas e resistência. Todos os tópicos incluem subtópicos que ajudam na divisão do tema, levando a uma melhor clareza dos argumentos. Ademais, inclui-se a conclusão, onde é feita uma reflexão e síntese do que é debatido ao longo do artigo.

2. CONTRACULTURA À BRASILEIRA: O MOVIMENTO DA CONTRACULTURA E SUAS PARTICULARIDADES NO BRASIL

2.1 Contracultura: surgimento e características essenciais

A contracultura foi um movimento de contestação aos padrões culturais e morais da sociedade, que se manifestou principalmente nos anos 1960². Os jovens que participaram desse movimento criticavam o sistema capitalista e o consumo desenfreado, e promoviam a defesa por revoluções comportamentais, culturais e psicológicas que impactaram desde o mercado ao vestuário, a arte e a música. Roszak, situa a contracultura como uma resposta direta às estruturas da mentalidade tecnocrática, do consumo excessivo e da massificação da cultura que dominaram o Ocidente no pós-Segunda Guerra Mundial. Dessa forma, o autor analisa como a sociedade ocidental foi profundamente transformada pelo avanço científico, tecnológico e industrial ao longo do século XX, consolidando um modelo tecnocrático que privilegia a gestão política e social com base na aplicação estrita de conhecimentos técnicos e científicos. Essa visão de mundo pragmática e

² ROSZAK, 1972.

instrumental valoriza a eficiência e a funcionalidade em detrimento de aspectos subjetivos, espirituais e comunitários da vida humana³.

Nos Estados Unidos, a contracultura surgiu como reação ao conformismo social e à racionalidade tecnocrática do pós-Segunda Guerra Mundial, com forte influência da Guerra Fria e da luta pelos direitos civis, caracterizando-se pela rejeição ao militarismo e ao consumismo. O movimento hippie, com destaque para festivais como Woodstock, foi um dos principais símbolos desse movimento, que adotava a filosofia de paz, amor e liberdade. A música, especialmente o rock'n'roll, desempenhou papel central na expressão desses movimentos.

Nesse panorama, a racionalidade tecnocrática fragmenta a vida, aliena os indivíduos de suas emoções e intuições e homogeneiza a sociedade ao submeter culturas e modos de vida diversos a um modelo tecnocrático universal. E é justamente contra essa visão de mundo da tecnocracia e seus valores que Roszak descreve o movimento Contracultural. O movimento serviria então, como uma recusa ao conformismo social, rejeitando o consumismo, o materialismo e a competitividade da sociedade ocidental. Ele aponta uma busca pela autenticidade, pela revalorização das emoções e da introspecção, e por práticas espirituais alternativas, frequentemente inspiradas por tradições orientais e indígenas.

Nesse contexto, a figura do jovem e da juventude progressista desempenha um papel central, não apenas como uma faixa etária, mas como portadores de uma sensibilidade geracional capaz de romper com padrões de comportamento e pensamento herdados. Para Roszak, os jovens visionários, rebeldes e criadores, conseguiriam alternativas radicais ao status quo, contestando instituições tradicionais e inventando novas formas de comunidade, arte e espiritualidade. Desse modo, ela deve ser vista como um movimento histórico relevante que desafia as bases da sociedade moderna ocidental.

Felipe F. F. Guimarães⁴, explora as manifestações culturais e políticas da contracultura nos dois países, com foco nos anos 1960. Utilizando uma abordagem comparativa, o autor analisa o conceito de contracultura a partir das perspectivas de teóricos como Theodore Roszak e Luís Antonio Groppo, destacando como o termo transcende a rebeldia juvenil e se transformou em uma forma de contestação cultural e social. A contracultura nos Estados Unidos teve um impacto profundo ao

³ ROSZAK, 1972.

⁴ GUIMARÃES, 2012.

unificar a juventude em torno de um estilo de vida alternativo que confrontava a sociedade convencional. Embora tivesse um caráter revolucionário, muitos de seus aspectos foram absorvidos pela indústria cultural, tornando-se produtos de mercado⁵.

2.2 Contracultura à brasileira: como o movimento da Contracultura é digerido e manifestado no Brasil

A contracultura, enquanto fenômeno cultural e social global, ganhou força nos anos 1960 como uma resposta à padronização da sociedade de consumo e à tecnocracia emergente do pós-Segunda Guerra Mundial. Nos Estados Unidos, foi marcada pela rebeldia da juventude contra o conformismo social, o militarismo e o imperialismo. Movimentos como o hippie, a luta pelos direitos civis e manifestações artísticas, como o rock'n'roll, consolidaram uma cultura alternativa que desafiava as estruturas de poder. Eventos emblemáticos, como o Festival de Woodstock, tornaram-se símbolos dessa contracultura global. No entanto, quando transplantada para o Brasil, a contracultura foi recriada em diálogo com o contexto de repressão política da ditadura militar, entre 1964 e 1985, adquirindo características próprias e inovadoras⁶⁷.

No Brasil, a contracultura não se limitou a uma importação de tendências estrangeiras. Movimentos como o Tropicalismo e o Cinema Novo reinterpretem influências internacionais à luz das realidades locais, criando formas de resistência cultural que desafiavam o autoritarismo do regime militar. O Tropicalismo, liderado por artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil e a banda Os Mutantes, uniu elementos da cultura popular brasileira, como o samba e o baião, a estilos internacionais como o rock'n'roll e a psicodelia, desafiando tanto a censura estatal quanto às convenções culturais da época⁸. Essa fusão de estilos representava uma crítica à rigidez política e estética do regime, além de uma contestação ao purismo cultural defendido, até mesmo, por setores da esquerda tradicional.

A música tropicalista, com sua linguagem inovadora, buscou expandir as fronteiras culturais do Brasil, incorporando elementos da cultura de massa em um contexto de forte repressão. Canções como *Alegria, Alegria* (Caetano Veloso) e

⁵ GUIMARÃES, 2012.

⁶ GUIMARÃES, 2012.

⁷ KAMINSKI, 2022.

⁸ PEREIRA, 2016.

Tropicália (Gilberto Gil) utilizavam metáforas e ironias para criticar o autoritarismo, transformando a música popular em um veículo de resistência simbólica. Da mesma forma, o Cinema Novo, liderado por cineastas como Glauber Rocha, explorava as contradições sociais e políticas do Brasil com uma abordagem estética radical, propondo um modelo cinematográfico que dialogava diretamente com as questões do povo⁹.

Outro pilar da contracultura brasileira foi o papel das viagens alternativas, analisadas por Kaminski em *A Revolução das Mochilas*¹⁰. Para jovens brasileiros, viajar com poucos recursos e fora dos roteiros convencionais tornou-se uma metáfora de resistência à repressão e ao consumismo. A mochila, nesse contexto, simboliza liberdade, simplicidade e uma conexão entre viajantes que compartilhavam ideais contraculturais. Essas práticas, embora distantes de uma militância política organizada, foram formas de oposição implícita ao regime, permitindo que jovens expressassem sua busca por autenticidade em meio à repressão.

A juventude brasileira também encontrou na moda e no comportamento ferramentas de contestação. A antimoda, caracterizada por roupas despojadas, calças rasgadas e acessórios artesanais, rejeitava os padrões estéticos e materiais da sociedade capitalista, alinhando-se ao espírito de contracultura global¹¹. Essa rebelião estética dialogava com os ideais hippies, mas também refletia a criatividade brasileira em reinventar esses valores no contexto local. No entanto, como apontam Rado e Schuster¹², parte dessa contracultura foi cooptada pela indústria cultural, esvaziando seu potencial crítico e transformando símbolos de resistência em produtos de consumo.

Apesar das limitações impostas pelo regime militar, o Brasil vivenciou um período fértil de experimentação cultural e política. Festivais como o de Águas Claras, nos anos 1970, tornaram-se espaços de celebração e resistência contracultural, funcionando como versões locais do Woodstock. Artistas como Raul Seixas e Novos Baianos combinaram crítica social com inovação musical, consolidando o rock'n'roll como uma linguagem de contestação e de afirmação

⁹ RADO; SCHUSTER, 2017.

¹⁰ KAMINSKI, Leon. *A Revolução das Mochilas*, 2022.

¹¹ LANNA, 2024.

¹²RADO; SCHUSTER, 2017.

identitária. Paralelamente, publicações como *O Pasquim* utilizaram o humor e a ironia para driblar a censura e expor as contradições do regime¹³¹⁴.

No entanto, a contracultura brasileira enfrentou contradições internas. Enquanto questionava valores tradicionais e autoritários, ela também foi parcialmente absorvida pelo mercado cultural. A comercialização de elementos contraculturais, como a música e a moda, diluiu parte de sua carga transformadora. Além disso, a repressão do regime militar obrigou artistas e intelectuais a adotarem estratégias criativas de resistência, utilizando metáforas e alegorias para contornar a censura, o que restringiu o alcance direto das críticas políticas.

A contracultura brasileira, portanto, foi mais do que uma simples reprodução de tendências globais. Ela foi uma resposta criativa e adaptada ao autoritarismo local, utilizando a música, a arte e o comportamento como instrumentos de resistência simbólica. Apesar das contradições e limitações, seu impacto foi significativo, promovendo mudanças profundas nos comportamentos juvenis e na cultura nacional. Como concluem Rado e Schuster¹⁵, a contracultura brasileira moldou novas linguagens artísticas e questionou normas sociais e políticas, consolidando-se como um movimento essencial para compreender a resistência cultural durante a ditadura militar.

3. OS MOVIMENTOS JUVENIS E SUAS FORMAS DE RESISTÊNCIA À DITADURA MILITAR

Os movimentos estudantis durante a ditadura militar no Brasil foram uma força central de resistência política e cultural. Desde as mobilizações iniciais em 1964 até a radicalização em 1968, a juventude brasileira demonstrou uma disposição incansável para lutar contra a repressão. A clandestinidade e as estratégias culturais mantiveram viva a oposição ao regime, mesmo nos anos mais duros do autoritarismo.

Embora muitos desses jovens tenham enfrentado perseguições, prisões e até a morte, seu legado permanece como um símbolo de coragem e determinação. Os movimentos estudantis não apenas contestaram o regime militar, mas também transformaram a cultura e os valores políticos da sociedade brasileira, preparando o

¹³ GUIMARÃES, 2012.

¹⁴ VENTURA, 2008.

¹⁵ RADO; SCHUSTER, 2017.

terreno para a redemocratização e inspirando gerações futuras a lutar por justiça e democracia.

3.1 O Contexto e a Eclosão dos Movimentos Estudantis

Os movimentos estudantis brasileiros foram uma das principais forças de resistência à ditadura militar (1964-1985). Desde o golpe de 1964, os estudantes começaram a se organizar para enfrentar o autoritarismo do regime, articulando-se por meio de entidades como a União Nacional dos Estudantes (UNE) e a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES). Embora essas organizações tenham sido perseguidas e desarticuladas, suas lideranças continuaram a operar na clandestinidade, incentivando mobilizações contra a repressão e a favor da liberdade e democracia¹⁶.

Entre 1964 e 1968, as pautas estudantis inicialmente focaram na retomada da democracia e melhorias no ensino público, mas ganharam um caráter mais radicalizado à medida que o regime endurecia. A influência de movimentos globais, como as manifestações contra a Guerra do Vietnã e as revoltas de maio de 1968 em Paris, inspirou os jovens brasileiros, que passaram a reivindicar mudanças mais amplas, incluindo liberdade política e justiça social¹⁷. Além de questões educacionais, os estudantes mobilizaram-se contra a censura e a violência policial, conectando-se com causas revolucionárias e anti-imperialistas, como a luta contra o apoio dos Estados Unidos ao regime militar no Brasil¹⁸.

O movimento estudantil era, em grande parte, composto por jovens de classe média urbana, que atuavam em espaços como universidades, saraus e festivais culturais. A juventude brasileira desempenhou um papel central na luta por justiça, não apenas contestando as políticas do regime, mas também promovendo uma transformação cultural que questionava valores tradicionais¹⁹.

3.2 Resistência e Clandestinidade

Com o aumento da repressão estatal, sobretudo após a promulgação do Ato Institucional nº 5 (AI-5) em dezembro de 1968, os movimentos estudantis foram forçados à clandestinidade. O AI-5 marcou um endurecimento radical do regime

¹⁶ LANNA, 1996.

¹⁷ ZUENIR, 2008

¹⁸ PEREIRA, 2016.

¹⁹SCHUSTER; RADO, 2017.

militar, suspendendo direitos civis e institucionais, ampliando a censura e legitimando prisões arbitrárias. Muitos líderes estudantis foram presos, exilados ou mortos, mas o movimento resistiu, adaptando suas estratégias para sobreviver sob a repressão brutal²⁰.

Parte dos estudantes passou a integrar organizações clandestinas de esquerda, como a Ação Libertadora Nacional (ALN) e o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8). Esses grupos defendiam a luta armada como forma de enfrentamento direto ao regime, organizando ações de sequestro de diplomatas e atentados contra alvos associados ao governo militar. Apesar de sua radicalidade, esses movimentos revelaram a determinação da juventude em desafiar o autoritarismo.

Paralelamente, outros setores do movimento estudantil continuaram atuando em espaços de resistência cultural. Saraus, cineclubes e festivais de música tornaram-se locais de contestação simbólica. Canções como *Pra Não Dizer que Não Falei das Flores*, de Geraldo Vandré, denunciavam a opressão e reforçaram a mobilização dos jovens. Mesmo sob censura, a música e as artes conseguiram transcender as barreiras impostas pelo regime, mantendo viva a crítica social e política²¹.

A clandestinidade tornou-se uma marca do movimento estudantil pós-1968. Jovens se escondiam, adotavam pseudônimos e criavam redes de apoio para manter a luta viva. Muitos pagaram com suas vidas, enfrentando torturas, desaparecimentos forçados e execuções. Apesar disso, sua resistência foi crucial para a abertura política que começaria a se delinear no final da década de 1970.

3.3. A Passeata dos Cem Mil: Um Marco de Resistência

Um dos momentos mais emblemáticos da resistência estudantil foi a Passeata dos Cem Mil, realizada no Rio de Janeiro em 26 de junho de 1968. Convocada após a morte do estudante Edson Luís, assassinado pela polícia durante um protesto no restaurante Calabouço, a manifestação reuniu uma ampla gama de setores da sociedade, incluindo estudantes, artistas, intelectuais e trabalhadores²².

²⁰ ALVES, 1985.

²¹ LANNA, 1996.

²² PEREIRA, 2016.

A passeata expressou o descontentamento generalizado contra o regime militar e tornou-se um símbolo da resistência popular. As ruas do Rio de Janeiro foram tomadas por milhares de pessoas, que marcharam pacificamente, reivindicando liberdade, democracia e justiça social. O evento revelou a força e a organização do movimento estudantil, que, mesmo sob repressão, conseguiu articular um ato massivo e representativo.

A reação do regime militar foi imediata e violenta. A passeata assustou os líderes do governo, que temiam a ampliação das manifestações e o fortalecimento da oposição. Em resposta, o AI-5 foi promulgado no final de 1968, marcando o período mais repressivo da ditadura. A partir de então, as manifestações de grande porte foram reduzidas, e a resistência passou a operar em espaços menores ou na clandestinidade²³.

A Passeata dos Cem Mil, apesar de seu impacto simbólico, não conseguiu impedir o endurecimento do regime. Contudo, ela ficou registrada como um marco da resistência democrática e uma demonstração do papel central da juventude na luta contra o autoritarismo. Mais do que um evento isolado, a passeata representou a capacidade de mobilização e a coragem de uma geração que não se calou diante da repressão.

A Passeata dos Cem Mil, portanto, sintetizou o espírito de resistência coletiva, mostrando ao país e ao mundo que a sociedade civil não estava disposta a aceitar passivamente as violações à liberdade.

4. DITADURA MILITAR NO BRASIL: BASES IDEOLÓGICAS E RESISTÊNCIA

4.1 As bases ideológicas

A Ditadura Militar brasileira, instaurada no dia 31 de março de 1964, consolidou o papel dos militares como gestores do Estado, colocando as Forças Armadas no centro do poder decisório e eliminando a autonomia de instituições civis²⁴. A ditadura militar brasileira vai ter duração de 21 anos, e acaba oficialmente em 1985 quando Tancredo Neves assume a presidência do país.

O golpe militar brasileiro foi fortemente influenciado pela Doutrina de Segurança Nacional (DSN), uma adaptação das estratégias norte-americanas que

²³ ALVES, 1984.

²⁴ ALVES, 1984.

justificavam intervenções contra ameaças comunistas no hemisfério ocidental. Nesse sentido, pode-se dizer que a DSN foi a espinha dorsal ideológica do regime militar, pois foi incorporada ao aparato estatal para justificar a repressão e a concentração de poder. A DSN redefiniu a segurança como um conceito abrangente, onde o "inimigo" não era apenas externo, mas também interno, o que incluía comunistas, sindicalistas e movimentos sociais. O alinhamento com os Estados Unidos foi central para essa doutrina, com instituições como a Escola Superior de Guerra (ESG) promovendo a ideia de que o desenvolvimento econômico dependia de um Estado forte e estável. A DSN também se articulou como um projeto tecnocrático, centralizando decisões nas mãos de especialistas militares e civis alinhados ao regime, subordinando a democracia aos objetivos de segurança e desenvolvimento²⁵.

Portanto, a Doutrina de Segurança Nacional está por trás de uma série de ações repressivas e violentas encabeçadas pelo estado ditatorial, que vão buscar acabar com o "terrorismo comunista" e "inimigos internos". Internamente, a crise política criada pelos conflitos entre as elites econômicas, os setores populares e o governo de João Goulart favoreceu o cenário para a intervenção militar, que contou com o apoio de setores conservadores da sociedade, como a Igreja Católica, a mídia e o empresariado²⁶.

A repressão do regime militar chega ao ápice em 13 de dezembro de 1968, quando o Ato Institucional nº 5 é instituído pelo regime militar. O Ato Institucional nº5 instituiu o fechamento do Congresso Nacional por tempo indeterminado, interrompeu direitos como a vitaliciedade, inamovibilidade e estabilidade parlamentar; além de permitir cassações, prisões, suspensão de direitos políticos, afastamento do trabalho, suspensão do habeas corpus e etc.. A repressão, intensificada após 1968, especialmente com a decretação do AI-5, foi um verdadeiro "golpe dentro do golpe", e visava conter o crescimento da contestação dos movimentos sociais que se manifestam nesse mesmo ano de 1968. Que foi marcado pela radicalização das lutas, com greves, manifestações e concentrações, evidenciando a disposição dos estudantes em enfrentar a repressão e até morrer

²⁵ ALVES, 1984.

²⁶ ALVES, 1984

em sua luta. Ao lado deles estavam profissionais liberais, jornalistas, escritores, artistas e religiosos ²⁷.

O AI-5 não tinha prazo de vigência, resultou em uma repressão violenta e incluiu a cassação de lideranças sindicais, a repressão ao movimento estudantil e a censura, que se tornou permanente²⁸. Sendo assim, é a partir do AI-5 que os militares da chamada “linha dura” vão ter maiores aparatos para a repressão e censura como a: espionagem; formação de uma polícia política; uma maior censura; realização de prisões arbitrárias e torturas²⁹. Órgãos como o DOI-CODI e o SNI (Serviço Nacional de Informações) foram responsáveis pelo monitoramento, tortura e eliminação de dissidentes, criando uma cultura de medo que desmobilizava a sociedade e sufocava movimentos de resistência³⁰. Nesse cenário, movimentos de militância armada surgiram como resposta à opressão, e a repressão brutal do governo levou ao desaparecimento, tortura e assassinato de muitos militantes³¹.

Logo, pode-se afirmar que a violência institucionalizada tornou-se uma parte essencial da estrutura do Estado autoritário, e a repressão foi sistemática. A tortura e o desaparecimento de opositores tornaram-se práticas correntes, legitimadas pela narrativa de combate ao “inimigo interno”. A criação de tribunais militares e o uso da Lei de Segurança Nacional permitiram ao regime mascarar sua violência com uma fachada de legalidade³².

4.2 Resistência, colaboração e acomodação na Ditadura Militar

A ditadura militar (1964-1985) vai gerar um impacto não só nas questões políticas e econômicas, mas também na sociedade, na cultura (arte, cinema, música, teatro e etc.) e na própria maneira da sociedade observar, compreender e reagir à essas circunstâncias e especificidades de viver em meio a uma ditadura.

Nesse sentido, Rodrigo Patto de Sá Motta³³, a partir do estudo de como os grupos e lideranças sociais reagiram à ditadura militar, vai propor uma leitura que vai transpor a dicotomia: resistência e colaboração. O historiador demonstra que a relação dos indivíduos da sociedade com o governo da ditadura vai além da

²⁷ LANNA, 1996.

²⁸ LANNA, 1996.

²⁹ TAPAJÓS, 2007.

³⁰ ALVES, 1984.

³¹ TAPAJÓS, 2007.

³² ALVES, 1984.

³³ MOTTA, 2021.

concepção binária e simplista: resistência/colaboração. Portanto, vai propor o conceito de acomodação entre a resistência e colaboração.

Logo, numa chave de pensamento que vai incorporar as nuances entre apoiar e resistir, que seria a acomodação, Motta demonstra que a própria maneira de resistir poderia variar. Segundo o autor, resistir à ditadura militar implica em rejeitar seus valores políticos e lutar para que o governo e seus líderes saíssem do poder.

Sendo assim, dentro da compreensão trazida por Motta, as formas de resistir não dizem tão somente à luta armada, como popularmente costuma-se pensar, *resistir* abarca uma série de atitudes que rejeitam os ideais do regime militar e que busquem, à sua maneira, pôr fim nesse regime. A própria derrota da luta armada, que é amordaçada após o AI-5, vai fortalecer as outras formas de resistência, que já existiam desde o início da ditadura, mas que se fortalecem após 1972.

Sendo assim, movimentos ligados à contracultura dos anos 1960 podem ser considerados movimentos de rejeição e de luta contra a ditadura militar no Brasil. Através da música, como o movimento do Tropicalismo, o MPB e Jovem Guarda, da arte como o Cinema Novo, e dos próprios movimentos sociais, como o movimento estudantil, diversas pessoas, principalmente jovens descontentes com a censura e repressão, vão poder se manifestar. Lutar contra a ditadura era negar os seus valores, portanto, as músicas consideradas transgressoras, a moda, o consumo de drogas, a liberdade sexual e as viagens sem rumo pelo país eram as formas de ir contra os valores cristãos e familiares que a ditadura militar pregava. Cabe frisar que esse período vai de encontro com a introdução da pílula anticoncepcional, que deu às mulheres o controle sobre seus corpos e as impulsionou a buscar novas formas de relação sexual, além da procriação. A mudança nos comportamentos sociais das mulheres e a libertação do jugo masculino foram vistas como ameaças à ideologia do Estado e à Segurança Nacional, uma vez que o rompimento com os laços familiares tradicionais poderia levar a um questionamento da ordem estabelecida³⁴.

Tais atitudes eram consideradas subversivas e como uma ameaça à ordem estabelecida. Nesse sentido, Kaminski³⁵ demonstra a atuação das forças policiais, especialmente o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), e de líderes

³⁴ LANNA, 1996.

³⁵ KAMINSKI, 2016.

conservadores, que ampliaram a perseguição a jovens, acusando-os de vadiagem, consumo de drogas e subversão cultural. Esses jovens eram vistos como agentes de uma possível destruição da moralidade cristã e da família tradicional. A repressão estava intimamente ligada à ideia de que a juventude que adotava práticas da contracultura estava sendo corrompida por forças comunistas.

O autor argumenta que o regime utilizou elementos da contracultura, como o rock'n'roll e o estilo de vida hippie, para intensificar sua repressão. A ditadura brasileira utilizou o conceito de "comunismo invisível" para justificar a repressão à contracultura, associando práticas culturais alternativas à subversão ideológica. A ideia de que o uso de drogas e a liberdade sexual representavam ferramentas de um plano comunista para enfraquecer a juventude e desestabilizar a sociedade ganhou força nos meios conservadores.

Além disso, Kaminski também destaca que, apesar da repressão, a contracultura foi parcialmente cooptada pela indústria cultural, que se apropriou de elementos como o estilo hippie e o rock'n'roll, transformando-os em produtos de consumo. Essa apropriação diluiu parte do impacto político e social da contracultura, que, mesmo sendo perseguida, continuou a influenciar práticas de resistência cultural e produções artísticas, revelando ambiguidades entre contestação e consumo.

5. CONCLUSÃO

Em síntese, os movimentos estudantis e a contracultura no Brasil representaram mais do que respostas ao autoritarismo do regime militar (1964-1985), eles configuraram novas formas de expressão cultural, resistência simbólica e articulação política. Inspirados por movimentos globais como os protestos contra a Guerra do Vietnã e as revoltas de 1968 em Paris, os jovens brasileiros adaptaram essas influências a um contexto marcado pela censura e pela repressão. Movimentos como o Tropicalismo, o Cinema Novo e as manifestações estudantis sintetizaram essa resistência, utilizando a música, o cinema e a cultura como ferramentas de contestação e transformação social. Eventos como a Passeata dos Cem Mil, em 1968, revelaram a força mobilizadora dos movimentos sociais, destacando a centralidade dos estudantes e jovens como protagonistas na luta por justiça e democracia.

No entanto, as especificidades do regime militar brasileiro exigiram estratégias únicas de enfrentamento. A radicalização do autoritarismo após o AI-5 em 1968 obrigou lideranças estudantis a adotarem táticas clandestinas, enquanto a repressão brutal limitava a atuação pública. Ainda assim, a juventude encontrou na arte e na cultura espaços para driblar a censura e manter viva a oposição..

Embora enfrentassem repressão severa e, muitas vezes, fossem cooptados pela indústria cultural, os movimentos contraculturais e estudantis conseguiram criar novas linguagens de resistência e expandir os horizontes da cultura brasileira. A busca por liberdade, expressa tanto na política quanto nos comportamentos cotidianos, demonstrou a capacidade da juventude de desafiar estruturas autoritárias e contribuir para a construção de uma sociedade mais plural e democrática.

Portanto, através da reflexão da contracultura, suas origens e ideais de Roszak, da contribuição de Maria Helena Moreira Alves sobre o debate historiográfico da ditadura militar brasileira, da compreensão ampliada das relações entre grupos sociais, movimentos e da sociedade civil com a ditadura militar de Rodrigo Patto de Sá Motta e da própria literatura sobre o estudo da contracultura no Brasil e dos movimentos estudantis na ditadura é possível compreender o papel desses movimentos- Contracultura e Movimentos Juvenis - como movimentos de resistência contra a ditadura militar. Portanto, dentro de uma visão da *resistência* contra a ditadura militar como um campo amplo de atitudes e ideias que vão contra os ideais e pilares da ditadura militar, os movimentos da contracultura por meio da música, do cinema e das artes em geral, assim como as mobilizações estudantis mostram-se movimentos cujas ações e princípios são, evidentemente, de resistência e luta.

Esse período da história brasileira ressalta como a cultura e a juventude podem se tornar instrumentos potentes de resistência, mesmo em meio à repressão. A luta de jovens, artistas e estudantes contra a ditadura militar deixou um legado profundo, que vai além das vitórias imediatas, inspirando gerações futuras a não se calarem diante das injustiças e a continuarem defendendo a liberdade e a democracia.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e oposição no Brasil (1964-1984). Tradução de Clóvis Marques. Petrópolis: Editora Vozes, 1984.

GABEIRA, Fernando; COHN-BENDIT, Daniel. *Nós que Amávamos Tanto a Revolução*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

GUIMARÃES, Felipe Flávio Fonseca. Traços da contracultura na cultura brasileira da década de 1960: um estudo comparado entre movimentos contraculturais nos Estados Unidos e no Brasil. Artigo apresentado ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS), Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Orientadora: Regina Célia Lima Caleiro. Montes Claros, 2012.

KAMINSKI, Leon Frederico. A revolução das mochilas: contracultura e viagens no Brasil ditatorial. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022.

KAMINSKI, Leon. O movimento hippie nasceu em Moscou: imaginário anticomunista, contracultura e repressão no Brasil dos anos 1970. *Antíteses*, vol. 9, núm. 18, jul-dez, 2016, pp. 467-493, Universidade Estadual de Londrina: Londrina, Brasil.

LANNA, Anna Flávia Arruda. Movimento Feminino pela Anistia: a esperança do retorno à democracia. *A Esperança do Retorno à Democracia*. 1996.

MOTTA, Rodrigo Patto de Sá. Passados e presentes: o golpe militar de 1964 e a ditadura militar. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

PEREIRA, Carolina Morgado. Os jovens e a contracultura brasileira. *Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte*, São Paulo: Centro Universitário Senac, v. 8, n. 2, p. 17-28, jan. 2016.

ROSZAK, Theodore. A contracultura: Reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil. Tradução de Ana Maria Arantes. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.

TAPAJÓS, Renato. Esquerdas Revolucionárias e Luta Armada. In.: __ O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX/ organização Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves Delgado - 2º ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. - (O Brasil Republicano; Vol. 4)

SCHUSTER, Ana Noredi; RADO, Sonia Cristina. Contracultura no Brasil da ditadura. *Revista Maiêutica*, Indaial, v. 5, n. 01, p. 19-30, 2017.

ZUENIR, Ventura. 1968: o ano que não terminou. 3 ed. - São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2008.